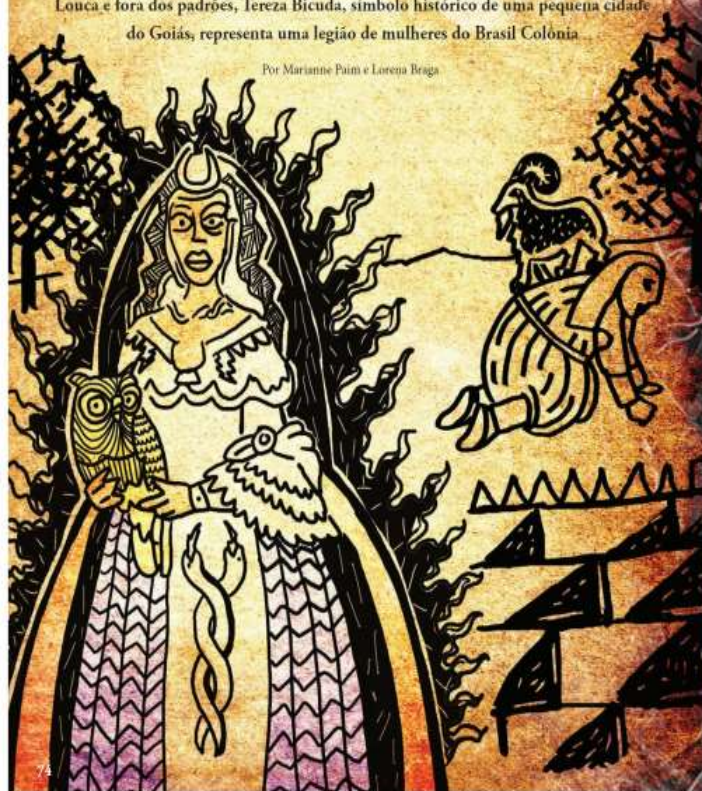


MAIS QUE UMA LENDA

Louca e fora dos padrões, Tereza Bicuda, símbolo histórico de uma pequena cidade do Goiás, representa uma legião de mulheres do Brasil Colônia.

Por Marianne Paim e Lorena Braga



TEREZA BICUDA

De lábios grossos, cabelos desganhados, pobre, infeliz, mulata, dissimulada e manipuladora, essa é uma imagem que se pode fazer de Tereza Bicuda, vista como assombração por moradores da pequena Jaraguá, município goiano que fica a 240 km da capital do estado. Mulher que não parecia se adequar aos padrões da época, Tereza maltratava a mãe, montava nela como em um cavalo, corria atrás de crianças na rua que a incomodavam, era preguiçosa e não frequentava a igreja. Como lenda, sua história se perde no tempo. Como fantasma presente, sua história ainda assusta os jaraguenses. Mas, o que há de real em Tereza Bicuda?

Como em todo interior pacato, a família dos Bicudos era conhecida por todos que ali moravam, na rua estreita, de ladrilhos gastos, com a tradicional serra de Jaraguá ao fundo. Na rua das Flores, localizada na parte baixa da cidade, onde as casas possuem grandes portas feitas com madeira resistente, duas janelas largas e uma pintura simples que mescla branco nas paredes e outra cor mais clara nas bordas de janelas, tipicamente coloniais.

Herdeira dessa família, logo depois que a mãe morreu, Tereza se viu sozinha. Sala pela rua gritando, correndo atrás das crianças que a

importunavam. Um dia, como está no destino de cada um de nós, morreu, não se sabe como.

Na primeira tentativa de enterrá-la, a levaram para o cemitério. Depois, para as imediações de uma igreja. Nos dois locais, os moradores começaram a ouvir gritos. Quem passava pelas imediações, à noite, jurava que ouvia a voz de uma mulher e alguns até diziam que viam uma pessoa com os mesmos traços de Tereza circulando pelas ruas de Jaraguá. Acredita-se que esse medo vem da descrença da personagem na igreja. Com receio, a levaram para a serra da região e a enterraram lá. Desde então, não se escutou mais os gritos na cidade.

O lavrador Limiro Prado, de 75 anos, conta outra história. Para ele, Tereza morreu enquanto andava perto de um córrego e, como era espraguejada de pai e mãe, morreu à míngua na cabeceira das águas. "Todo mundo tinha medo de beber dessas águas, porque era proibido por muita gente. Até os padres falaram para ninguém beber, pois ela, infeliz, morreu lá". Assim como Limiro acredita na sua versão, outros dizem que ela morreu de solidão ou por alguma doença.

Devido à necessidade de se contar histórias,

gerações se viram diante da familiaridade e união entre ouvir e escrever. Narrar um fato a uma pessoa, e assim passá-lo adiante, foi uma habilidade desenvolvida pelo ser humano há tempos, uma técnica para não se esquecer do que era mais importante. Assim, pela oralidade, as histórias ganhavam remendos, mais lugares, personagens modificados e consequentemente novos significados.

Todas as versões conhecidas sobre a lenda de Tereza Bicuda têm como similaridade a personalidade da jovem – e pouco se tem certeza quanto a sua família. Para a historiadora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Dulce Madalena Rios Pedroso, Tereza era negra, filha de escravos. Filha de Lourenço Bicudo, escravo da família Bicudo de Andrade, que transmitiu seu sobrenome ao servo. A historiadora ainda lembra que durante o século XVIII e XIX era comum os sobrenomes das mulheres serem flexionados de acordo com o gênero, o que transformou Bicudo em Bicuda.

A aposentada e moradora de Jaraguá, Floriza Lopes Gonçalves, mais conhecida como Dona Santa, ouviu desde criança as lendas sobre Tereza, contadas pelo seu pai. Desde então, ela escreveu à mão a história construída a partir das várias versões existentes e reuniu-as em dois livros que pretende futuramente publicar. Para Dona Santa, Tereza era uma mulher má, principalmente pela forma como tratava a mãe, não pelo sobrenome legado pelos proprietários. "Ela era bicuda devido ao seu comportamento agressivo, de sempre responder com grosseria as pessoas e, principalmente, a sua mãe".

Nos registros feitos por Dona Santa, Tereza era alta, morena, cabelos lisos e de voz rouca. Sua personalidade era difícil e ainda tinha como aliada a preguiça de ajudar a mãe Safina, de estatura baixa, que ganhava a vida lavando roupa e buscando água em córregos perto da cidade. "Um dia, ela andou a rua das Flores todinha, montada na mãe. Pôs freio de cavalo, bateu o pé na mãe e andou montada nela. Nesse mesmo dia, ela morreu por causa das pancadas da filha", conta a aposentada.

Após a perda da mãe, a vida de Tereza ficou conturbada. Sozinha e sem amigos,

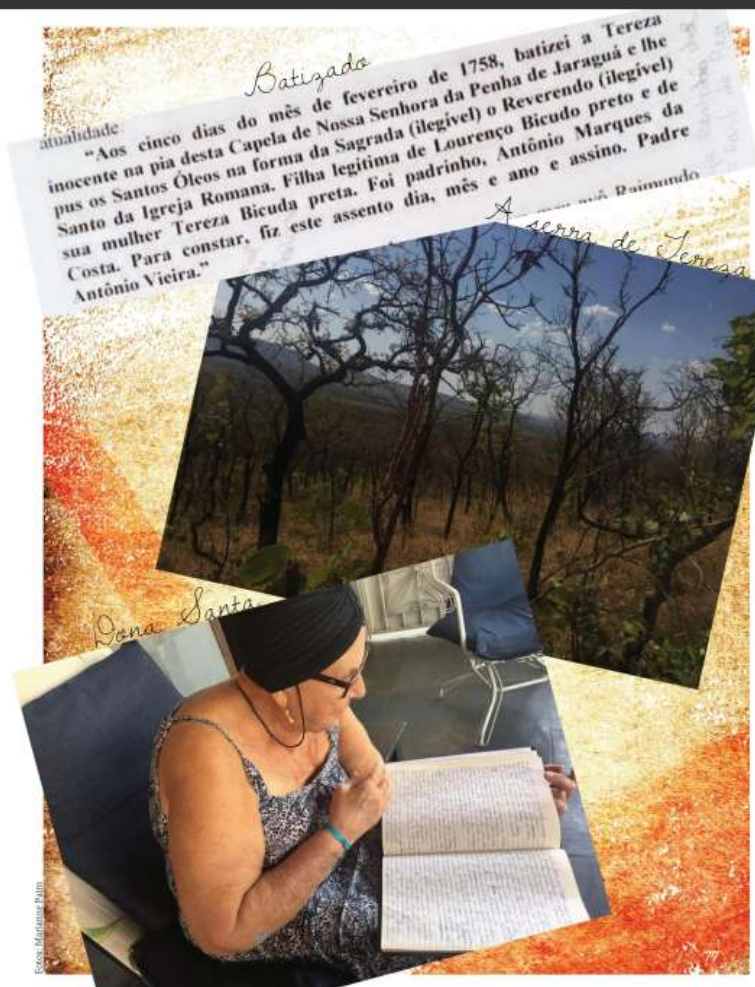
ela enlouqueceu e logo seu comportamento agressivo incomodou os moradores da região. No livro *Histórias populares de Jaraguá*: Tereza Bicuda, organizado pelas pesquisadoras Ione Maria Valadares e Nei Clara de Lima, do Centro de Estudos da Cultura Popular da cidade, existem relatos de nove moradores que contam suas versões sobre a história dela e principalmente sobre como morreu ou não, como o raizeiro José Leite, que escutava de seus pais que ela foi enterrada viva. "Contavam que ela não morreu e eles sepultaram ela assim mesmo. Sepultaram no oitão da igreja".

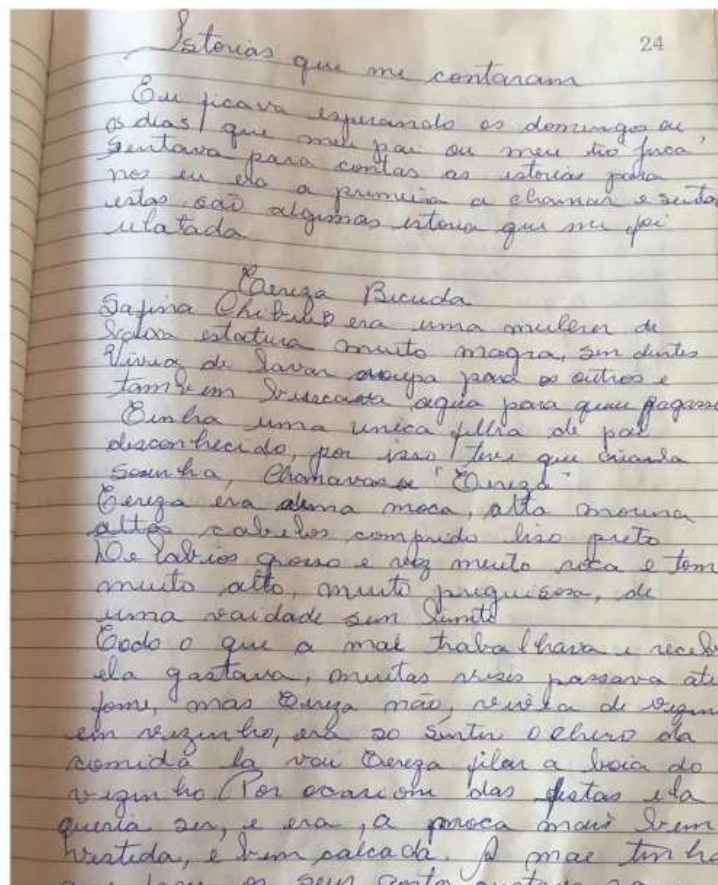
Um dos pontos mais similares entre o que se fala é que, depois de morta, Tereza foi levada para ser finalmente enterrada ao pé da Serra de Jaraguá, que é chamada só pela dona de casa, Elisa Brito, como morro Maria Bicuda. Ela diz que um dia decidiu subir no monte para apanhar caju e mangaba e escutou a voz de Bicuda. "Quanto mais eu apanhava as frutas, mais eu subia, até que percebi a altura em que estava. Comecei a gritar meu marido para me ajudar a descer, mas enquanto eu gritava escutava uma voz dizendo 'desce pra cá, desce pra cá'. Com medo, Elisa desceu o morro correndo, deixando para trás todas as frutas.

O fotógrafo Welton Rodrigues conta que, quando a enterraram no morro, foi colocada uma cruz para identificar o túmulo, que depois sumiu. Não se tem registro fotográfico dessa cruz, mas segundo o oficial de justiça, Fabiano Pampa Castro, ela pode ter sido queimada. "Acho que pela grande quantidade de queimadas durante os anos, não é possível encontrar a cruz no lugar, mas o que fica mesmo é a história e a imaginação", conclui.

Cultura popular

Para o doutor em Comunicação e Semiótica, o professor da Universidade Católica de Brasília, Luiz Carlos Iasbeck, a história de Tereza reúne todos os ingredientes que são necessários para que se perpetue. "Essa figura lendária, que teria tido atitudes reprováveis pela comunidade, encarnou uma espécie de mal coletivo que reúne os medos da população que a alimenta: tratar mal a mãe é sintoma de um monte de outros males e





Livro de anotações de Dona Santa, escrito a mão, sobre Tereza.

desconfianças. Uma pessoa do mal pode também contaminar outras. E a força do mal é tamanha que não se desfaz nem com a morte", descreve.

Essa representatividade vai além. Após sua morte, Tereza Bícuda começou a assombrar os moradores da cidade. No dia 2 de novembro, dia de Finados, as ruas ficam desertas e ninguém cita o nome da dita cuja. "Nas noites de lua cheia, se você tentar subir a Serra, a própria Tereza aparecerá para você e lhe mostrará como ela fazia com a mãe", conta Dona Santa.

Em Jaraguá, é possível encontrar alguns fatores que podem confirmar que Tereza realmente existiu. O oficial de justiça Fabiano Pampa Castro, sempre se interessou pela história e, para saber mais sobre a personagem, foi atrás de materiais visitando as bibliotecas e a prefeitura da cidade. Dentre os documentos mais importantes está a certidão de batismo, casamento e assentamento fúnebre de uma possível Tereza Bícuda, negra, filha de escravos, o que confirmaria uma das características da personagem lendária.

A história é tão significativa que as irmãs Christina e Fernanda Guedes compuseram uma música falando de Tereza. "Morei em Jaraguá até os seis anos de idade e, mesmo depois que mudei pra Goiânia, continuei indo para lá nas minhas férias. Lá, lendas como essa fazem parte dos casos que ouvimos desde criança. Sempre contei essas histórias para os meus filhos e crianças da família", relata Christina.

A canção teve boa repercussão e virou até mesmo trilha de um documentário realizado por estudantes da Universidade Federal de Goiás em 2011 sobre Tereza. "Um pessoal da UFG fez um filme sobre a Tereza Bícuda e colocou minha canção como trilha. Muitas crianças me procuram para que eu conte as histórias da Tereza. É claro que enfeito bastante! É uma canção que vendo muito como faixa pelos aplicativos de música também, mesmo para fora do Brasil", contou a cantora.

Um trecho da música pode levar a uma

reflexão sobre Tereza Bícuda. Nele, se diz: "Nem a terra quis Tereza, que virou assombração e Tereza na braveza, disparou nada à nação".

Loucura feminina

A lenda de Tereza Bícuda representa mais uma história popular presente no território brasileiro que tem como personagem principal uma mulher, condenada pela sociedade. Até o século XIX, as mulheres deviam seguir os padrões colocados pela medicina e pela igreja. Se fugissem desse padrão, eram consideradas loucas, pois era preciso neutralizar ou normatizar a mulher, estabelecendo limites para sua ação. No Brasil colônia, por exemplo, ela deveria ficar restrita ao ambiente doméstico.

Segundo um estudo feito pela doutora em História, Regina Calerio, e pela psicóloga Jacqueline Machado, chamado *Loucura feminina: doença ou transgressão social?*, a fuga dos padrões considerados normais era vista pela sociedade como um perigo. "Loucos" eram todos aqueles que incomodavam a sociedade, aqueles que não ficavam presos às convenções, como os velhos e crianças abandonadas, os venéreos, os aleijados, os transgressores, os epiléticos, as mulheres transgressoras, os doentes mentais", relatam.

Paras as mulheres era ainda mais difícil, pois, em um tempo de muita submissão masculina, ou se aceitava os padrões ou se era tachado como portador de distúrbios mentais. "Essa era a imagem da mulher que prevalecia, inclusive no imaginário feminino: submissa, disposta a aceitar os valores impostos; desobedecer ou manifestar seus desejos e necessidades, ser sujeito de sua própria existência significava 'estar louca', concluem as pesquisadoras.

Se ela existiu ou não, o que sabemos é que muitas Terezas Bícudas foram imaginadas e suas histórias se encontravam em algum ponto que até hoje faz parte da cultura da cidade. Mais que uma lenda, a história de Tereza Bícuda reflete



uma sociedade que mudou muito pouco no tratamento de uma mulher marcada pelo abandono e pela falta de compreensão.

Na narrativa do enterro na serra, em seu último suspiro, Tereza rendeu-se. O caminho para a redenção era cheio de galhos tortos e secos. A subida para o seu local de sepultamento parecia mais uma escadaria das lamentações tortuosas. Boatos dizem que ela se colocou a chorar e aquele choro ecoava como uma música fúnebre, na calada de uma noite, fazendo de seu enterro uma peça teatral já no seu terceiro e último ato.

Enterrada, Tereza entregou-se. As cortinas se fecharam, a peça se encerrou. Para os moradores e igreja, uma alma seguiu para o obscuro. Para Bicuda, era apenas uma pausa.

As duas da manhã, o sino da Igreja do Rosário toca. Em um dia de finados, ainda dizem que a braveza de Tereza dá as caras. Uma forma de manter a própria história viva e se tornar referência, sendo então compreendido que, talvez, tudo que ela queria era ser a mulher que estava dentro dela: livre. Tereza, que parecia ter pedido a razão por sua malcriação, perdera, na verdade, a vontade de ser compreendida. Afinal, nem mesmo a terra a quis.

Ilustração: Fabian Guerra

RESPEITÁVEL CIRCO

Sobrevivendo aos trancos e barrancos, espetáculos circenses no país se mantêm com esforço

Por Hellen Resende

O circo no Brasil encanta das grandes cidades ao interior, nas favelas, nos clubes executivos e comunidades isoladas, onde apresentações culturais são raras. Em um país repleto de elementos da tradição oral, os circenses mantêm viva a cultura popular. É um espetáculo a forma como eles não deixam essa tradição morrer e se renovam a cada desafio. Além de equilíbrio, se contorcem para vencer as dificuldades e fazer mágica com os recursos que têm. O descaso com a cultura se revela por meios das incontáveis barreiras com as quais se deparam. Mas diante desse cenário, não deixam a lona cair. Na maior escola

de circo da América Latina, pulsa a vontade de perpetuar o conhecimento do picadeiro. Em um ônibus itinerante, a magia chega a qualquer lugar. Companhias se reinventam e ousam no fazer artístico.

Um dos maiores desafios é a aquisição dos alvarás de ocupação para utilizar um espaço nas cidades onde chegam. Após a conquista da permissão para montar o circo, há os percalços básicos que afetam aos artistas: matricular os filhos nas escolas ou conseguir um atendimento médico se torna mais complicado quando não se tem endereço fixo. Nas pequenas companhias, os preços dos espetáculos precisam se adequar à

realidade do público – e o baixo cachê não combina com as altas contas de luz e de água. Os profissionais circenses, muitas vezes, seguem as suas jornadas de trabalho movidos somente pelo amor ao ofício. Incansáveis, eles percorrem com a grande lona, e com uma vontade gigante, os caminhos mais estreitos do país. Levam as suas apresentações às metrópoles ou às pequenas vilas, consolidando as características do circo brasileiro: democrático e itinerante. Na música *A Carreira*, de Chico Buarque, o cantor fala sobre os burlescos e a característica nômade atribuída ao circo vira poesia: "Hora de ir embora quando o corpo quer ficar,